

COMUNIDADES - PERSPECTIVAS PSICOSSOCIAL E VIRTUAL

Mare Stella Pires do Nascimento¹
Cláudia Vaz Torres²

RESUMO

Discute-se sobre redes sociais comunitárias, um dinamismo que diz respeito à reunião de pessoas e entrosamento em grupo, que lhes propiciam a se relacionar. Essas interações convergem, permutam informações e conhecimentos facilitados, também, pelas conexões nas redes sociais mediadas pela internet. Apresentam-se as comunidades inerentes à Ilha de Maré, o cotidiano de seus moradores, suas interações, suas realidades, peculiaridades e curiosidades. Objetiva-se apresentar um estudo acerca de comunidades nas visões psicossocial e virtual. Para tanto, foi empregada a metodologia de revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Comunidades. Psicologia Social. Rede Social. Informação. Conhecimento.

RESUMEN

Se discute acerca de las redes sociales comunitarias, una dinámica que se habla a respecto de la reunión de las personas e entronizamiento en grupo, que haz el individuo relacionarse. Esas interacciones se dan para la permuta de informaciones y conocimientos facilitados, y también, por las conexiones en las redes sociales mediadas por la internet. Se presentan las comunidades de la Isla de Maré, el cotidiano de sus moradores, sus interacciones, costumbres, peculiaridades y curiosidades. Se objetiva un estudio sobre comunidades en la visión psicossocial y virtual. Para tanto, se usó la metodología da la revisión bibliográfica.

Palabras-llave: Comunidades. Psicología Social. Red Social. Información. Conocimiento.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de um estudo de revisão de literatura, por isso não é profundo, visa ressaltar premissas sobre a *práxis* da Psicologia Comunitária e a atuação do agente comunitário, diferente das práticas da Psicologia. Como também, ressaltar a relevância, na contemporaneidade, da comunidade virtual que se retrata mediante as redes sociais, objetivando comparar as construções sociais dos grupos que compõem tanto essa, quanto a comunidade física.

Apresenta-se a Ilha de Maré, que faz parte da Baía de Todos os Santos, cujos principais problemas são os meios de transporte e comunicação. As comunidades

¹ Mestra em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social (CEPPEV); Especialista em Metodologia do Ensino Superior (CEPPEV); Especialista em Estudos Literários (UEFS); Licenciada em Letras Vernáculas (UCSAL); Licenciada em Letras com Inglês (UEFS); Especialista em Educação a Distância (CEPPEV); Docente da FVC; Professora pesquisadora do CNPQ

² Doutora em Educação (UFBA); Mestra em Educação (UFBA); Especialista em Psicologia Escolar (CFP); Especialista em Metodologia do Ensino Superior (CEPOM); Especialista em Transtornos do Desenvolvimento e Aprendizagem (Lydia Coriat); Graduada em Psicologia (UFBA); Graduada em Pedagogia (UCSAL); Docente da FVC; Docente da UNEB

que a compõe e as diversas subjetividades conflitantes como educação, cotidiano laboral, acessibilidade, delimitações, características e costumes dos seus residentes num cenário objetivo que carece de transformações e intervenções práticas de políticas públicas, para que as pessoas dessas comunidades passem a viver com dignidade.

Diante do pressuposto de que tanto a informação quanto o conhecimento são precípuos à inovação, delineou-se a funcionalidade das redes sociais mediadas pelo computador, que utilizam a internet como ambiente de interação. Sua contribuição para a sociedade é disseminar e compartilhar informações e novos conhecimentos entre os indivíduos; haja vista que, após o advento da internet a praticidade das relações tem se dado aquém do ambiente geográfico e físico.

Nesse viés, reflete-se sobre a relevância das redes sociais numa perspectiva contemporânea, como uma unidade que concentra sua atenção em outras unidades, algumas das quais se observam mutuamente e outras não. Sua funcionalidade e sustentação pela coletividade virtual ao designar ações coletivas tais quais as das comunidades que não são virtuais. É mediante as redes que o indivíduo pode suscitar modificar ou intervir nas tomadas de decisões da sociedade quer seja no seu ambiente de convívio, quer seja nas organizações na qual esteja envolvido.

Pontua-se, também, sobre a relevância dos *sites* que tanto oferecem ferramentas, quanto serviços. Sua representatividade nos contextos do indivíduo, mediante a estrutura dialógica que constitui o foco das interações que se estabelecem com os usuários nas redes. Interessante ainda é sinalizar os brasileiros como ícones no ambiente virtual, considerados no mundo como internautas que mais navegam e fazem uso das redes sociais.

2 COMUNIDADES VIRTUAIS

Uma comunidade virtual é um grupo de pessoas que pode ou não se encontrar face a face e que troca palavras e ideias através de BBSs e redes. Quando essas trocas começam a envolver amizades e rivalidades entrelaçadas e dão margem a casamentos, nascimentos e mortes reais, unindo as pessoas em um outro tipo de comunidade, elas começam a afetar a vida dessas pessoas no mundo real (HELSSELBEIN *et alii.*, 2001, p 120-121).

A comunidade virtual diferencia-se de uma comunidade espacial física porque se formaliza mediante as redes sociais, favorecida pela internet, por reunir pessoas *on*

line ao redor, cujos interesses e valores lhes são comuns, quer seja mediada por computador, quer sejam produções narcisistas de perfis desvinculados da realidade. É fato que as redes sociais, desde a última década do século XX, vêm estimulando a competição pelo aumento compulsivo de manter contatos.

Os brasileiros, por exemplo, são rotulados como as pessoas mais sociáveis do mundo na internet, sua média de contatos de amigos virtuais é de 365 pessoas por usuário, quando no mundo é de 195. Conforme o Ibope *Netratings*, mais de 80% dos internautas têm perfis em redes sociais e 99% já acessaram alguma.

Castells (1999, p.443) explicita que, no âmbito global, “na década de 90 foram criadas dezenas de milhares dessas ‘comunidades’ no mundo inteiro”. Esse processo de globalização se instalou na sociedade e fez com que os indivíduos presenciassem o declínio de todas as tradicionais fronteiras que os separavam de outros indivíduos e das nações, mediante a internet que proporcionou a proliferação das comunidades virtuais formalizadas, a exemplo dos *blogs*, *fóruns* e outras comunidades.

Essas comunidades são utilizadas para designar *sites* que oferecem ferramentas e serviços tanto de comunicação, quanto de interação. Esses *sites*, frequentemente, centram-se em um padrão egocentrado de relacionamentos, por isso justifica-se que cada pessoa tem sua função e identidade cultural.

Os brasileiros estão entre os 10 maiores mercados do mundo, em termos de espectadores únicos, alcançando 43 milhões de espectadores em dezembro de 2012.

Como se pode observar na rede social *Facebook*, que tem o crescimento mais rápido e possui no Brasil sua 2ª maior população, quando instalado em São Paulo, em 2011, tinha 10 milhões de usuários, segundo a Revista *Veja* “O país é o vice-líder no número de acessos diários 47 milhões de usuários brasileiros acessam a rede social todos os dias, por meio de *smartphone*, *tablet* e *desktop*”.

São nessas comunidades virtuais, as quais são sustentadas por uma coletividade, que geralmente, são designadas ações coletivas em prol de mudanças sociais, políticas, educacionais, dentre outras ações. Nas suas práticas transparece a funcionalidade, evidenciando-se o bem estar comunitário.

Ilustra-se, também nesse estudo, o *site do Youtube*, lançado em fevereiro de 2005, que permite seus usuários veem e compartilhar cotidianamente conteúdos, vídeos, fotos em formato digital; é o mais popular porque hospeda quaisquer tipos de

vídeos, filmes, videoclipes musicais, materiais caseiros como também transmissões ao vivo de eventos. Segundo o *site* da *comscore.com*, líder em mediações do mundo digital, o Youtube é a segunda rede social mais acessada no Brasil e lidera o maior destino digital de vídeos. Já o *Instagram* é a segunda rede social mais usada por 43,1% das pessoas na faixa dos 18 aos 34 anos, enquanto o *Snapchat* ocupa o terceiro lugar com 32,9%.

As redes direcionadas àqueles indivíduos que sabem o que e quando escrever receberão grande destaque, a exemplo do *Twitter*, que promete o dinamismo da informação com a confiabilidade da confirmação por diversas fontes.

Por a rede ser movida por contatos que proporcionam diversas informações, essas comunidades virtuais representam esses espaços de conexão, objetivando contribuir para a construção da sociedade, com tendências a direcioná-la; o público quer cada vez mais produzir, consumir e publicar mais informações rapidamente, com apenas um clicar. As comunidades virtuais têm o poder de agregar mais de 55 milhões de usuários, como os brasileiros, que gastam, em média 12 horas do dia conectados à internet e 23 horas e 12 minutos por mês, segundo estatísticas.

É assim que funcionam as comunidades virtuais, sua movimentação está na interatividade representada por inúmeros autores, que se disponibilizam a compartilhar informações e experiências, visando à aprendizagem e, conseqüentemente, contribuindo com a construção de novos conhecimentos.

As comunidades de interesse temático formadas a partir das interações dos *Bulletin Board Systems* - BBSes – sistemas de comunicação via computador utilizado entre os anos de 1970 e 90, através do qual pessoas trocavam mensagens, programas e textos informativos mediante uma conexão discada gerenciada por um programa específico e *newsgroup* da *Usenet* – rede de usuários concebida em 1979 – são as experiências pioneiras de redes sociais (AGUIAR, 2007, p.9).

Por meio dessas redes sociais, nas quais os indivíduos participavam e interagiam no anonimato consoante seus interesses, eles se conectavam, também, *offline* quando periodicamente se encontravam. Em contrapartida, as redes sociais caracterizadas como *sites* de relacionamento criaram, inicialmente, um ambiente informal para promover encontros virtuais entre pessoas que se conhecem no ambiente real e dão preferência à interação *online*.

O público latino-americano faz muito o uso do *site* *Sonico*, o qual permite que o usuário cite três diferentes perfis: público, profissional e privado, por meio do qual pode adicionar amigos, pesquisar, enviar fotos, gerenciar a vida, organizar eventos,

interagir com outras pessoas mediante mensagens particulares, como também fazer comentários públicos, além de se inteirar, também, com outros *sites* como *Twitter*, *Flickr* e *Picasa*.

As primeiras comunidades virtuais foram lançadas nos Estados Unidos em meados dos anos 90, tendo como referência os vínculos diretos estabelecidos entre colegas de classe do colégio. “O Classmates.com, criado em 1995, ultrapassou a marca de 40 milhões de membros ativos no EUA e Canadá, em 2006, e as ligações diretas entre ‘amigos de amigos’ e ‘conhecidos’.” Segundo sua página institucional.¹

2.1 REDES SOCIAIS MEDIADAS POR COMPUTADOR

Para se entender rede no espaço estrutural, faz-se necessário observar a Análise das Redes Sociais (SNA) em inglês, que diz respeito a relacionamentos estabelecidos entre indivíduos, organizações, grupos, computadores ou quaisquer outras maneiras de interagir e se comunicar acerca de um propósito individual ou para defender alguém, como também realizar algo em prol de uma organização mediante a internet ou não. Essas interações existentes entre as pessoas suscitam modificá-las quer seja no seu ambiente de convívio, quer seja nas organizações nas quais estão envolvidas.

Capra (2002, p.267) sucinta a relevância das redes organizadoras:

[...] na era da informação – na qual vivemos – as funções e processos sociais organizam-se cada vez mais em torno de redes. Quer se trate das grandes empresas, do mercado financeiro, dos meios de comunicação ou das novas ONGs globais, constatamos que a organização em rede tornou-se um fenômeno social importante e uma fonte crítica de poder.

O indivíduo sempre esteve envolvido em rede, isso lhe é peculiar porque desde o princípio da humanidade vivia à captura da caça, por isso a concepção de rede. Na contemporaneidade, porém, é observável que o trabalho desenvolvido individualmente por meio das redes de conexões representa uma vertente dinâmica que é a de instrumentalizar as organizações. Por isso, as redes se estabelecem, também, além das interações entre as pessoas e do compartilhar informações e conhecimentos; elas se estruturam enredando a possibilidade de criar no âmbito organizacional, tanto presencial, quanto virtual fazendo uso do tempo e modo como utilizá-lo.

A rede se instala e se auto-organiza mediante os relacionamentos paralelos entre as pessoas que se coadunam entre si, apresentando-se com objetividade, não é centralizada, porém, se expressa com dinamismo, flexível e desprovida de limites. Nas corporações ela se manifesta de diversas maneiras e se agrupa, conforme Krackhardt e Hanson, *apud* Macedo (1999) em: redes de comunicação, que facultam, pontualmente, a permuta de informações relacionadas ao ambiente organizacional; rede laboral ou de consulta, que faz uso estrutural informal e promove a interação entre os indivíduos que tenham informações direcionadas a facilitar o trabalho; e rede de confiabilidade, mediante a qual são compartilhadas “informações politicamente delicadas”, as quais são restritas a algumas pessoas.

No contexto da rede, a terminologia *nós* simboliza os indivíduos e os grupos que se relacionam entre si ou então, a interação que medeia esses nós. Mediante a observação desses relacionamentos entre as pessoas, a SNA, proporciona análise matemática e visual objetivando com isso, que as redes se observem por meio de caracteres de como se dá a conexão entre os *nós*, por meio de códigos, traços e cores. Ao ser utilizado como recurso a auto-observação e análise daqueles que coadunam da rede, retrata-se seu *habitat* social de maneira concreta, suscitando que, provavelmente, as pessoas sejam induzidas a uma reflexão correlacionada à incidência dos *nós* existentes na rede e a percepção das relações que se dão quando percebidas por outrem.

Reconhecendo-se que, embora frequentemente as redes sociais não sejam perceptíveis, elas dizem respeito à reunião de pessoas e entrosamento em grupo. Esse dinamismo faculta a interação com comunidades, pessoas e organizações possibilitando com isso, inúmeros relacionamentos provenientes de simples conversações a amizades, ou discussões sobre conteúdos direcionados à aprendizagem escolar, e ainda comentários com colegas acerca do ambiente laboral, dentre outros tipos de relacionamentos.

O internauta brasileiro não se interessa apenas pelo *bê a bá* das redes sociais, sua popularidade pode ser explicada, em parte, pela sua atração por tecnologia e novidade, além de avidez por interação.

Diante do exposto, evidenciam-se as redes sociais informais como aquelas articuladas pelas pessoas que interagem no dia a dia com familiares, colegas de trabalho, amigos da escola, conhecidos das comunidades, dentre outros;

caracterizam-se por serem espontâneas e inerentes aos interesses individuais. O homem está inserido socialmente nessas relações construídas no percurso da sua convivência, são por meio dessas interações coesas que se estrutura e se desenvolve a sociedade em rede, haja vista que ela possibilita ao indivíduo adquirir sua funcionalidade identitária cultural.

Com a propagação dos meios de comunicação, em precípua, o advento da internet, observa-se que se tornou propício às pessoas interagirem prescindíveis tanto do espaço físico, quanto do geográfico. Isso se deu porque as se relacionarem em uma rede elas tendem a refletir acerca da realidade social na qual se inserem.

No Brasil, a interação em redes sociais dos jovens das camadas C e D fazem uso de *lan houses* para entrar no *site* de relacionamento da sua turma ou do seu bairro. López-Cabanas (1997) considera que a funcionalidade da rede social-pessoal se dá conforme as necessidades momentâneas e particulares nas quais o indivíduo está transitando, a exemplo de quando ele necessita de uma companhia, de auxílio material e de serviços, apoio emocional, guias e acessa contatos novos.

A nomenclatura usada comumente na contemporaneidade “redes sociais na internet” estabeleceu-se na sociedade ao ser utilizada na academia e na rede midiática para designar tipologicamente os relacionamentos sociais, como também as sociabilidades virtuais distintas nos diversos objetivos.

Castells (1999, p.431) pontua que “A Internet é a espinhal dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC); é a rede que liga a maior parte das redes”. São essas redes de conexões que direcionam o olhar das pessoas, as quais no seu ambiente laboral as usam como meio de organização. Essa prática tem sido notadamente percebida nas últimas décadas, nas quais o homem contemporâneo registra na internet suas vivências diárias. Isso ocorre por conceber nela um ambiente de interação e um espaço público no qual se articula com indivíduos ou grupos mediante seus interesses e se complementa por meio de suas experiências, objetivos em comuns e projetos.

Entretanto, as redes sociais podem, também, ser representadas intencionalmente. Para tal, faz-se necessário observar o verbo *to network*, que registra como sinônimos ‘enredar’, ‘prender na rede’, ‘emaranhar’, ‘intrigar’. É o indivíduo incorporado em ator social, as redes organizacionais e interorganizacionais que compõem o que se denomina redes sociais plurais ou multimodais. Aqueles que são

partícipes se articulam ora como um indivíduo, ora como ator social atuando em prol de comunidades, movimentos, associações e outros.

Na Era da Informação, as redes correlacionadas à sociedade estabelecem “ [...] um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto em que uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos.” (CASTELLS, 1999, p.498). Entende-se que esses *nós* são desempenhados tanto pelo indivíduo, quanto por grupos de indivíduos.

3 UM OLHAR PSICOSSOCIAL SOBRE AS COMUNIDADES

A arte de viver configura-se com indivíduos que criam laços e passam a se relacionar, por sentir necessidade de estar inteirando-se com outrem. Por não conseguirem sobreviver sozinhos, procuram então, propiciar relacionamentos com a intenção de obter apoio e progredir na sociedade, pois, “Em todos os lugares da natureza, comunidades compostas de indivíduos diversos vivem em conjunto de forma a apoiar tanto o indivíduo como o sistema como um todo.” (HELSSELBEIN *et ali.*, 2001, p.22).

Os sistemas demonstram que todas as espécies procuram viver em comunidade, seja geográfica ou psicossocial. Essa *práxis* não é uma característica inerente apenas ao homem, mas a todos os seres vivos do Planeta, e aquelas espécies que ignoram se relacionar, indubitavelmente são extintas.

Contra-pondo-se às redes sociais cidadãs que, desde seus primórdios, pressupõe-se serem sustentadas pela cooperação mútua dos residentes, pela essência do compartilhar, e pela aviltante solidariedade coletiva, as comunidades tendem a promover uma nova contextualização comunicativa. E é essa dialogicidade que induz à reflexão sobre a questão identitária do ser humano na Era tecnológica.

Assim é que a psicologia aplicada às comunidades centra-se tanto na teoria, pois, segundo Campos (2009, p.10) [...] “procura desenvolver instrumentos de análise e intervenção relevantes para as novas problemáticas que se apresentam aos psicólogos” quanto na prática. Pois os trabalhos ali desenvolvidos por psicólogos principiam de um levantamento anterior das privações e do que têm necessidade os indivíduos no âmbito daquela comunidade. Por isso pontuam, essencialmente, o saneamento básico, saúde e educação.

A autora segue denominando psicologia na comunidade como as atividades que são desenvolvidas em “comunidades de baixa renda, visando por um lado, deselitizar a profissão, e, do outro, buscar a melhoria das condições de vida da população trabalhadora.” (CAMPOS, 2009, p.9).

Essa afirmação no contexto da modernidade contemporânea induz a refletir que os profissionais da Psicologia Social, na sua *práxis* comunitária, não somente discutem acerca das carências e necessidades do grupo. Mas, atuam como mediadores com o objetivo de promover a autonomia nesses contextos ambientais mediante a ética do bem viver do grupo social para minimizar a exclusão social.

No que concerne ao âmbito da dimensão ética da Psicologia Social, atuar como psicólogo nas comunidades representa, sobretudo, o constante repensar acerca desse exercício cotidiano. Haja vista que esse profissional tenderá a emanar uma vivência complexa, repleta de desafios e experiências, porque na sua essência, o ambiente da comunidade sempre será complexo. E é nesse viés das interações que surgem as diversas trocas recíprocas de saberes entre o profissional e a comunidade, as quais suscitam intervenções estruturais.

Essas intervenções são planejadas e comumente realizadas em parceria com os residentes da comunidade. Elas passam a significar um elo intenso e respeitoso entre a inspeção feita pelo psicólogo e o conhecimento prático do residente em relação à realidade social e histórica que o rodeia. Acrescentando suas intenções de modificá-la por meio de deslocamentos de resistência e de reivindicações necessárias, quase sempre urgentes.

Nesse contexto é que Freitas (2009) sinaliza que a psicologia social comunitária não apenas privilegia o exercício laboral com os grupos. Ela também contribui para discernir sua consciência crítica, além de construir uma identidade social e individual na qual tenha como base normas que sejam eticamente humanas.

Comunidade passou a ser compreendida como o *lócus* em que se reúnem os que são inseridos na classe trabalhadora. Aqueles indivíduos designados como agentes da sociedade, propícios a combater a exploração, a minimizar a alienação e erradicar a exclusão social, já que uma das vertentes da psicologia comunitária é a mudança social.

Os conceitos primordiais que diferenciam essas comunidades das comunidades virtuais são ‘vontade coletiva’ e ‘ação coletiva’, isso porque aquelas surgem quando

seus participantes tomam consciência dos seus valores. Os temas são variados e independem das questões que se pretende pôr em discussão ou resolver, pois, o indivíduo se insere em uma rede social como ator e se vê enveredado em premissas. Com frequência observa-se que essas premissas envolvem o direito, a responsabilidade, a saúde pública e política nos níveis comunitários regional, nacional e internacional.

3.1 A COMUNIDADE ILHA DE MARÉ

A Ilha de Maré faz parte da Baía de Todos os Santos, que se compõe de um arquipélago com 55 ilhas e ilhotas, 16 fluviais, que desembocam na Baía e 39 marítimas. Nesse conjunto contam 22 ilhas e 17 ilhotas (SOUZA, 1971).

Há cinco ilhas ao norte da Baía de Todos os Santos: Madre de Deus, Maré, dos Frades, Bom Jesus e de Maria Guarda, e quatro ilhotas: Vacas, Santo Antonio, Capeta e Itapipuca. Madre de Deus é a única que não mais pertence ao município de Salvador.

Conforme a divisão administrativa votada pela Câmara de Vereadores em 1911, o município de Salvador compõe-se de 19 Distritos e a Ilha de Maré. Porém, mediante a Lei Municipal n. 502, de 12 de agosto de 1954, os Distritos foram reduzidos para cinco e a Ilha de Maré como subdistrito³.

Segundo Souza (1971, p.13 *apud* França, 2007) a Ilha possui “[...] uma légua de comprimento, correspondente a 6 km e meia légua de largura”, perfazendo uma extensão de 1.378,54 hectares, distribuídos em “oito povoados que se encontram no litoral, mais próximos do mar e cercados por vasta vegetação: Praia Grande, Santana, Caquende, Itamoabo, Bananeira, Martelo, Neves e Botelho.” Observa-se que por meio desses ecossistemas se compõem as teias às quais se denominam comunidades.

A comunidade de Ilha de Maré localiza-se a 5 km de Salvador, em linha reta a partir de sua ponta Sul, Itamoabo até São Tomé de Paripe, bairro do subúrbio ferroviário de Salvador.¹ A partir de Salvador a acessibilidade à Ilha se dá pela BR 324 ou pela Avenida Suburbana, até o bairro de São Tomé de Paripe, vizinho a praia de Inema, na Base Naval de Aratu. Ali se pode pegar um barco a motor que faz a travessia Ilha

³ Dados conforme o Grupo de Contemplação Urbana, Órgão Central do Planejamento da Prefeitura Municipal de Salvador (1982).

de Maré - São Tomé de Paripe, das 6h às 17h, em um percurso de, aproximadamente, 30 minutos.

Outros acessos à Ilha podem ser por meio do município de Candeias, mediante o povoado de Passé, por canoa ou em barcos de pescadores locais. Essa travessia dura apenas 15 minutos e dá acesso à região Norte da Ilha, em específico, a de Ponta Cavallo, como também por meio de Caboto (município de Candeias), localizado a 10 minutos do Povoado de Bananeira.

Ao Norte, a Ilha de Maré limita-se com Passé e São Francisco do Conde; ao Sul com Salvador, oceano Atlântico e a Ilha de Itaparica; ao Leste Caboto, Simões Filho (Mapele e Aratu) e o bairro de São Tomé de Paripe (Salvador); e ao Oeste com a Ilha dos Frades, Madre de Deus e São Francisco do Conde. No seu lado Leste há um profundo canal que vai à Baía de Aratu, com profundidade que varia de 25 a 30 metros, onde se localiza a foz do Rio Matoim.

“As comunidades surgem do simples fato de vivermos em simbiose, isto é, de viverem juntos num mesmo habitat indivíduos tanto semelhantes quanto diferentes e da ‘competição corporativa’ em que se empenham.” (NASCIUTTI, 1996, p.101 *apud* PIERSON, 1974, p. 65). Assim é Ilha de Maré, composta de oito comunidades: Botelho, Neves, Itamoabo, Martelo, Bananeira, Santana, Caquende e Praia Grande. Essas comunidades possuem características peculiares. Geograficamente, ao Norte localiza-se a comunidade de Martelo, onde se situa Ponta Grossa, Ponta do Cavallo e Maracanã; ao Sul, encontra-se Itamoabo a Neves; a Leste, Botelho e Oratório; o povoado de bananeira e a localidade de Amêndoa (Armenda); a Oeste, Santana, Caquende e Praia Grande com a localidade de Majó.

Isto posto, registramos que essas comunidades contêm suas individualidades na divisão do trabalho e precisam da atenção de políticas públicas comprometidas com as questões significativas como educação, transporte e saúde. Observa-se, pois, que à primeira vista seus principais problemas são os meios de transporte e de comunicação, haja vista ainda depender de Salvador, isso porque as pessoas se deslocam para Salvador objetivando trabalhar, estudar e fazer compras. Como se trata de um dos bairros da capital baiana, Ilha de Maré deve ser pensada com mais seriedade pelos seus administradores.

Pata Tönnies *apud* Guareschi (2009, p.29)

[...] uma comunidade é uma associação que se dá na linha do ser, isto é, uma participação profunda dos membros do grupo, onde são colocadas em

comum relações primárias, como o próprio ser, a própria vida, o conhecimento mútuo, a amizade, os sentimentos.

Os mareseiros, moradores das comunidades da Ilha de Maré, atuam como membros que maximizam as únicas coisas que lhes são úteis, a exemplo do turismo e comércio de produtos que confeccionam, eles são partícipes inerentes a esse grupo pelo que representam.

As atividades no mar e no mangue são as principais fontes de renda dos mareseiros, pois, desde tenra idade convivem e aprenderam a reconhecer a sinalização que o vento e o mar lhes sopram. A pesca é o seu precípua meio de sobrevivência, por isso entende-se a relevância da sociedade dos pescadores que tem sua representatividade na Colônia de Pescadores Z4/Ilha de Maré.

Registra-se aqui o descaso dos setores públicos para com essas comunidades diante da desigualdade de renda e das condições de vida desses cidadãos soteropolitanos, pois, somente em 1990 e mediante a construção da ponte, em 1994, é que o contato entre os moradores da Ilha de Maré com Salvador passou a ser pelo Terminal Marítimo da Base Naval de São Tomé, no subúrbio de Salvador. A Prefeitura tem como parceira uma empresa, que administra esse Terminal, funcionando diariamente com uma frota de 20 barcos a partir das cinco horas da manhã; a passagem custa R\$ 4,00 por pessoa que transporta.

Como o percurso entre uma comunidade e outra é longo os moradores da Ilha costumam ir a pé ou usar os meios de transportes como canoas e raramente algumas bicicletas como também, animais a exemplo do jegue e cavalo. Por viver em comunidade, os mareseiros conseguem superar esses extremos mantendo sua singularidade, apesar de necessitar de outrem para a sua realização.

Diferentemente de outras comunidades, aos domingos à tarde é que há maior movimentação na Ilha, isso se dá porque as pessoas trasladam à feira, em Salvador, para comercializar seus produtos aos sábados e domingos; justifica-se então, a segunda-feira ser considerada o 'dominguinho' – dia que as pessoas descansam e se refazem do agitado dia anterior. Isto porque na comunidade os residentes têm voz e colocam em ação suas iniciativas e desenvolvem sua criatividade.

Conforme Guareschi (1996) relações comunitárias constituem uma comunidade real quando os indivíduos possuem direitos e deveres iguais; são identificadas e respeitadas como pessoas e têm participação na sociedade, exercitando sua inclinação política e social.

Concernente à religiosidade, existe a comissão da igreja e o grupo de jovens organizadores de estudos sobre a bíblia, de catequese e o ritual das missas, assim como planejam outras atividades religiosas, como a festa de Nossa Senhora Santana, na comunidade de Santana; os festejos de Nossa Senhora das Neves, em agosto, em Neves; a festa de Nossa Senhora das Candeias, em Praia Grande, dentre outras festividades.

3.1.1 A comunidade de Botelho

Botelho é a única comunidade da Ilha que tem um moderno atracadouro desde 1999, sua movimentação se dá durante o verão, quando os veranistas chegam e ocupam suas casas. Ali há uma escola inaugurada pela Prefeitura de Salvador, como também bares e pousadas. Seus moradores vivem da pesca e mariscagem.

3.1.2 A comunidade de Martelo

Martelo apresenta-se como a comunidade mais carente dentre as que constituem a Ilha de Maré. São visíveis as simplórias casas de taipa e a escassez de água encanada; apesar dessa realidade, sabe-se da existência de uma associação como o objetivo de promover seu desenvolvimento, como também conscientizar seus moradores.

3.1.3 A comunidade de Neves

Neves é uma comunidade na qual reina e se respira a tranquilidade e se observa que nos seus registros, após cinco séculos, houve poucas modificações. Sua representação elementar está na Igreja de Nossa Senhora das Neves, construída com pedras e óleo de baleia, foi idealizada e teve sua inauguração em 1552, pelo padre e também músico, Bartolomeu Pires. Este também introduziu o plantio da cana-de-açúcar na Ilha, por volta de 1570.

Essa Igreja homenageia a padroeira que protege os moradores locais, pois, segundo uma lenda, foi Nossa Senhora das Neves que retirou todo o veneno das cobras da Ilha; por isso ninguém mais morre por meio da picada de cobra.

3.1.4 A comunidade de Itamoabo

Na língua tupi-guarani, Itamoabo traduz-se ‘*pedra grande*’, caracteriza-se peculiarmente pela simultaneidade de pedras que deu origem ao seu nome.

Essencialmente, ali, no verão, os animais que transportam turistas recebem os apelidos de “*jegue tour*”. A praia, por ser a mais vasta e também considerada uma das melhores da Ilha, no verão, é regularmente frequentada por visitantes e turistas oriundos de Salvador e outras estâncias. Por isso nela há um número maior de restaurantes, barracas e bares; o trânsito de barcos também costuma ser intenso nessa época, então, para atender a essa demanda há também algumas pousadas.

A despeito de todo esse movimento de visitantes, Itamoabo transformou-se, também, em um espaço no qual os moradores comercializam sua produtividade de serviços e pesca a exemplo do doce de côco, de banana na palha e renda de bilro, feita pelas rendeiras locais e de Santana.

3.1.5 A comunidade de Caquende

Caquende está localizada entre as comunidades de Santana e Praia Grande, caracteriza-se por ser a menor comunidade da Ilha, composta apenas, de nove casas construídas na encosta, lado a lado, três delas pertencem a veranistas.

Nessas casas, apesar de possuir energia elétrica, faltam-lhes água encanada, esse é o principal motivo de seus moradores diariamente, se deslocarem, diversas vezes, às comunidades circunvizinhas – Praia Grande ou Santana – carregando água em carrinhos de mão ou vasilhas diversas, para beber, higiene pessoal, lavar roupa, cozinhar, dentre outros. É interessante observar que o dia a dia dessa comunidade procede conforme o movimento dessa saída. Os residentes em Caquende mariscam e pescam; eles são parentes entre si, alguns com os moradores da Praia Grande.

3.1.6 A comunidade de Bananeira

Ao Norte da Ilha de Maré localiza-se a comunidade de Bananeira, inserida em um manguezal, mediada entre as comunidades de Martelo e Praia Grande, por ter proximidade com as cidades de Candeias, Caboto e São Sebastião do Passé, seus moradores pouco frequentam Salvador.

Observa-se que é a comunidade que se sobressai na política, haja vista que há a presença de um líder comunitário que movimenta os moradores a se envolverem em ações para fomentar melhorias de condições de vida. É mediante essas ações e parcerias com ONGs locais, nacionais e internacionais que há uma rádio comunitária, escola e creche.

3.1.7 A comunidade de Santana

Santana é considerada a capital da Ilha de Maré, porque foi elevada em 1832, à freguesia, termo antigo que designa o principal povoado naquela localidade. Uma das sete que não estava nos limites urbano da cidade de Salvador, ali também, se estabeleceu a casa grande, na qual residiam os feitores.

Na comunidade há o único cemitério da Ilha. Seus habitantes são de descendência portuguesa, por isso têm pele clara, o que provavelmente corroborou o preconceito para com os moradores de Praia Grande, que são essencialmente negros quilombolas.

A pesca e o artesanato da renda de bilro, feito pelas mulheres, sobressaem-se na economia local. Apesar de haver a Igreja de Nossa Senhora Santana, sabe-se que ali também foi erguida a primeira Igreja Evangélica da Ilha.

3.1.8 Comunidade de Praia Grande

Praia Grande é conhecida como a comunidade mais populosa da Ilha de Maré, na qual se observa muitas moradias de nativos e outras tantas de veranistas. Ela possui oito ruas com registros bastante curiosos: Formiga, Cajá, Caeira, do Beco, Cidade de Palha, Tancredo Neves, Rua Nova ou Majó e Tuíca.

Registra-se que muitos negros viviam ali. Segundo contam os moradores mais antigos, apesar de muitos negros negôs terem optado por voltar à África, por causa do advento da abolição da escravatura, os seus costumes foram preservados e são observados ainda hoje nos descendentes. Entre outras características, como as famílias terem os mesmos laços sanguíneos, remanescentes dos quilombos, que se relacionavam internamente, por isso os sobrenomes mais amiúdes são Maia, Carvalho, Morais e Neves.

Há Igreja tanto católica quanto evangélica, terreiros de candomblé, posto de saúde, associações comunitárias, uma escola municipal e pontos de 'vendas' para suprir os moradores e que fazem um movimento comercial. Por se tratar de uma comunidade em precípua pesqueira, os pescadores correspondem à população ativa masculina, alguns barqueiros, agricultores e artesãos; já a feminina é representada pelas artesãs, doceiras, marisqueiras e agricultoras.

Apesar de a Escola Municipal de Praia Grande ter recebido como doação, seu primeiro computador em 2005, seu uso restringiu-se aos docentes, direção e a alguns jovens que concluíam o Ensino Médio em Salvador.

Praia Grande é um dos locais mais distantes do terminal Marítimo de São Tomé. Não há ancoradouro, principal reivindicação dos moradores. Quando a Prefeitura começou a transportar a merenda e a fornecer barco para os alunos irem estudar em Salvador, começou a utilizar o caiaque. Os barcos-escola é uma iniciativa da Prefeitura, conveniada com alguns proprietários de barcos, que no período letivo, disponibilizam três embarcações para transportar os estudantes.

À GUIA DAS CONSIDERAÇÕES

A presente reflexão não pretendeu apresentar as comunidades nos contextos da psicologia comunitária e virtual como conceituação finita, mas sim, tencionou-se ressaltá-las como categorias dimensionais temporal e espacial, mediante as quais o cidadão age e reflete no contexto social no qual está inserido, que é o de uma contemporaneidade globalizada, mediante a internet.

Sem dúvidas, observa-se que as interações e cumplicidades entre os indivíduos, que sempre existiram nas comunidades, passaram a existir, também, nas comunidades virtuais. Essas comunidades representam as relações econômicas, sociais, de trabalho e outras que em sua essência possibilitam às pessoas a interagir, compartilhar informações e conhecimentos que as facultam com certa tendência à criticidade, a intervir na sociedade.

Nas comunidades físicas essas intervenções são planejadas e comumente realizadas em parceria com seus residentes. Isso passa a significar um elo intenso e respeitoso entre a inspeção quando feita pelo psicólogo e o conhecimento prático do residente em relação à realidade social e histórica que o rodeia.

São comuns as intenções dos residentes em modificar as comunidades nas quais convivem por meio de deslocamentos de resistências e de reivindicações necessárias, quase sempre urgentes.

A literatura permite inferir que as redes sociais são recursos relevantes para a inovação e evolução humana, em virtude de possuírem diversos canais, como fluxos informativos nos quais a respeitabilidade e a cumplicidade entre os atores residentes nas comunidades se aproximem e compartilhem informações, modificando-as e ampliando-as. Registra-se, também, a relevância dos *sites* e *blogs* para os brasileiros, considerados um dos povos que mais se relaciona no mundo por meio do *Facebook*, *Linkedin*, *MSN*, *Flickr*, *Sônico*, *Twitter*, *Youtube*, *Instagram*, *Myspace* e outros *sites* de relacionamentos.

Enfim, com Ilha de Maré ilustrou-se as oito comunidades que a compõe, informando acerca dos seus residentes simplórios, suas peculiaridades, dificuldades e como vivem. Prosseguindo com o seu dia a dia laboral de mariscar, pescar, fazer rendas de bilros ou doce de banana na palha para vender no continente. O vai e vem dos seus filhos nos barcos-escolas, enfrentando o mar todos os dias, para frequentar a escola de São Tomé de Paripe, isso porque ali só há escolas até o Ensino Fundamental I.

A simplicidade na qual vivem os mareseiros, apesar de a maioria da população não ter conhecimento sobre as novas tecnologias mediadas pelo computador ou ser usuária de *sites* de relacionamentos. Aquelas pessoas têm vínculos sociais como todas as outras comunidades, tão conhecidas e estudadas da Psicologia Comunitária, a exemplo dos valores, cooperação mútua entre os residentes, solidariedade e compartilhamento.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. *Redes sociais na internet: desafio à pesquisa*. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa e Comunicação – NP Tecnologias da Informação e da Comunicação.

CAMPOS, R. H. de F. *Psicologia Social Comunitária*. In.: Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia. 15 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CAPRA, F. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.

CASTELLS, M. *Sociedade em rede*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FRANÇA, J. E. de M. *Um olhar sobre a Ilha de Maré: Narrativas e reconstituição da memória social de uma comunidade remanescente de quilombos*. 182 fls. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social) CEPPEV – Salvador – Bahia, 2007.

FREITAS, M. de F. Q. *Et ali. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social)*. In.: *Psicologia social comunitária: da sociedade à autonomia*. 15 3d. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

GUARESCHI, P. A. *Relações de dominação*. In.: *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. 15 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

HELSELBEIN, F. *et ali. A comunidade do futuro*. São Paulo: Futura, 2001.

HOUAISS, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LOPÉZ-CABANAS, M. 7 CHACÓN, F. *Apoio social, redes sociales y grupos de autoayuda*. In.: *Intervención Psicosocial y servicios sociais*. Um enfoque participativo. Madrid: Síntesis, 1997.

MACEDO, T. M. B. *Redes informais nas organizações: a co-gestão do conhecimento*. *Ciência da Informação*, Brasília, v.28, n1, p.94, jan. 1999.

NASCIUTI, J. C. R. *A instituição como via de acesso à comunidade*. In.: *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. 15 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

Revista Info, fevereiro – 2011.

Revista Veja, disponível em: < veja.abril.com.br/...digital/facebook-alcanca-marca-de-76-milhoes-de-us... > acesso em 30 jun. 2015.

SOUZA, G. S. de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 4 ed. São Paulo: USP: Brasiliense, 1971. V. 117.

<http://www.comscore.com> > acesso em 8 jul. 2015.

<http://www.clasmates.com/cmo/about>. < acesso em 15 jul. 2015.

<http://www.wikipedia.org/> < acesso em 26 de jul. 2015.